

GRUPO I

Lê o seguinte texto de José Rodrigues Miguéis, com muita atenção. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário que é apresentado, por ordem alfabética, a seguir ao texto.

TEXTO A

O passageiro tinha subido, já noite fechada, das entranhas da carvoeira, para se esconder numa clarabóia do convés, sob a qual havia espaço suficiente para um homem se deitar, como num esquite. (Já ali tinham viajado outros, durante dias e até semanas, e um deles, por sinal, apanhado pela dura invernia do Norte - os cordames eram estendais de gelo! - com as roupinhas leves em que vinha do Brasil, ficara tolhido para o resto dos seus dias.) Não comia desde que, manhã cedo, lhe tinham levado o café amargoso e a bucha de pão; a fome roía-o, e, depois do calor abafante das caldeiras, o frio húmido da noite inteiriçou-o. Ali encaixado, ouviu vozes de comando, risos, passos de homens que desciam a prancha, os ecos de ferro do navio despejado. Esperou que, tudo sossegado, o viessem pôr em liberdade. Mas o tempo corria, naquela imobilidade, e a impaciência dele cresceu: Que raio esperavam eles para o tirar da toca? Iriam esquecê-lo, deixá-lo a bordo sozinho, metido naquela urna, a morrer de fome e frio?... Haveria dificuldades imprevistas ao seu desembarque?... A noite avançava com um vagar exasperante, e ele tinha pressa. Apertava ao corpo, para se aquecer, o saco onde encerrava os parques haveres.

Tinha entrevisto na noite, ao chegar ali, os perfis dos barracões do porto, mais longe fábricas, prédios, o clarão mortiço da cidade. Estava na América, a dois passos do trabalho e do pão, a um salto do seu destino. E o coração batia-lhe de anseio. Já tinha regularizado contas com os marujos que o tinham posto a bordo, escondido e alimentado. Se havia mais alguém por trás deles, isso não era da sua conta. Restava-lhe algumas *dolas* no fundo de um bolso das calças. Junto delas, retinha na palma da mão suada um papel puído, com um endereço, esse ponto perdido na imensidade da América desconhecida: Patchogue ou coisa assim, para lá de Nova Iorque, em Long Island, a quantas léguas seria aquilo de Baltimore, e quanto teria ele de palmilhar às cegas, para alcançar o seu destino?! (Se lá chegasse...) E uma data de números, de portas e ruas, isso ele não entendia, não entendia nada, não sabia patavina de inglês, só sabia que estava ali à espera que dispusessem dele, para começar vida nova, ou então... Sozinho, diante do desconhecido. Não conhecia ninguém, nesta terra envolta em noite e humidade. Inquietava-o pensar em tudo isso, ali imóvel, impotente, com o coração do tamanho dum feijão a zumbir-lhe no peito apertado.

Sonhava com a América havia muitos anos. Vinha em busca dela como, quatrocentos anos antes, e mais, os seus antepassados (isto é um modo de falar) tinham andado em demanda da Terra Firme, do El Dorado e do Xipango. Esses porém eram felizes, não precisavam de passaporte, o mundo era então um mistério aberto à curiosidade e ambição de todos! Ele viajava escondido, embora não buscasse ouro nem prata nem pimenta. Tinha dois braços, sabia pegar numa enxada ou picareta, queria trabalhar. E se o ouro não andava agora a pontapés, quem caminhasse de olhos no chão ainda podia topar aqui e ali com algum *penny* perdido - assim tinha ouvido dizer a um tragalhadanças dum alemão que da América voltara com dois patacos, e ele conhecera algures. A lenda do Novo Mundo ainda não tinha morrido no coração, ou seria no estômago? Dos homens. Para alcançá-lo, tomara pelo caminho mais curto, que é quase sempre o mais arriscado: a clandestinidade. Assim viera meter-se a bordo deste cargueiro de má-morte, um calhambeque a desfazer-se em ferrugem, asmático e claudicante.

José Rodrigues Miguéis, «O Passageiro Clandestino», *Gente da Terceira Classe*, 4.ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1984

VOCABULÁRIO:

bucha (linha 5) - bocado de pão.

carvoeira (linha 1) - lugar, num navio, destinado a guardar o carvão necessário ao aquecimento das caldeiras.

clarabóia (linha 1) - abertura envidraçada, em telhado ou tejadilho, destinada à entrada de luz e também, por vezes, à ventilação.

claudicante (linha 34) - vacilante, que não tem firmeza.

convés (linha 2) - parte descoberta do pavimento superior de um navio.

cordames (linha 4) - conjunto de cabos que fazem parte do equipamento de um navio.

demanda (linha 26) - procura, busca.

dolas (linha 16) - dólares (numa pronúncia incorrecta).

El Dorado (linha 26) - país imaginário que se supunha existir na América do Sul.

esquife (linha 2) - caixão.

exasperante (linha 11) - que provoca impaciência.

inteiriçou-o (linha 6) - deixou-o rígido, teso.

léguas (linha 19) - antiga medida de distância, equivalente a cinco quilómetros.

mortiço (linha 14) - que tem fraca intensidade.

parcos (linha 12) - escassos, modestos.

patacos (linha 31) - antigas moedas de baixo valor.

penny (linha 30) - moeda de baixo valor.

puído (linha 17) - desgastado pela fricção ou pelo uso.

tolhido (linha 4) - paralítico.

trangalhadanças (linha 31) - pessoa alta e desajeitada.

Xipango (linha 27) - Japão.

Para responderes aos itens de 1. a 6., assinala com X o quadrado correspondente à alternativa correcta, de acordo com o sentido do texto.

1. Durante a noite, o passageiro

entrou no navio.

saiu do convés.

saiu da carvoeira.

entrou nas caldeiras.

2. Um outro homem «ficara tolhido para o resto dos seus dias» (linha 5), na clarabóia, por causa

da falta de espaço.

do frio que passara.

da duração da viagem.

do medo que sentira.

3. O desembarque do protagonista estava demorado, porque dependia

da autorização para o barco poder atracar.

de quem o ajudara a viajar ilegalmente.

da regularização dos seus documentos.

de conseguir escapar do navio sozinho.

4. Enquanto esperava na clarabóia, à medida que o tempo passava, o protagonista receava que
- | | |
|---|---|
| o deixassem sem comida nem água. | o barco se tivesse desviado do seu destino. |
| se esquecessem dele e se fossem embora. | alguém o descobrisse no esconderijo. |
5. Identifica os dois estados de espírito vividos pela personagem principal durante a sua espera:
- | | |
|------------------------|------------------------|
| inquietação e pânico. | desgosto e esperança. |
| tristeza e nervosismo. | ansiedade e incerteza. |
- 6 . Indica a palavra que, no contexto em que surge, pode ser associada ao elevado grau de risco a que o protagonista se expôs:
- | | |
|----------------------|---------------------|
| entranhas (linha 1). | destino (linha 20). |
| urna (linha 10). | mistério (linha 27) |

Responde, agora, aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

7. Relê a frase «A noite avançava com um vagar exasperante, e ele tinha pressa.» (linhas 10 e 11).
Relaciona, no contexto dessa frase, a expressão sublinhada com o estado de espírito da personagem.

8. Explica, por palavras tuas, o sentido da frase: «A lenda do Novo Mundo ainda não tinha morrido no coração, ou seria no estômago?, dos homens.» (linhas 31 e 32).

Lê, com atenção, o texto B. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário que é apresentado, por ordem alfabética, a seguir ao texto.

TEXTO B

As agressões à natureza ocorrem todos os dias por descuido, desconhecimento ou falta de civismo. Perante a inércia do Estado e dos tribunais, os cidadãos não podem ficar de braços cruzados.

Assistimos, no dia-a-dia, a pequenas infracções ambientais cometidas pelos cidadãos. Quando alguém atira papéis ou beatas para o chão, por exemplo, estamos perante atitudes que, isoladamente, parecem pouco significativas. Todos estes comportamentos não deixam, contudo, de ser nefastos para o ambiente e para o bem

viver em sociedade e são, por isso, penalizáveis. Existem, ainda, outros atentados ambientais, bem mais graves, que podem ameaçar a saúde e a qualidade de vida de todos nós. São exemplo disso as descargas de resíduos tóxicos nos rios ou o abandono de entulho em locais inapropriados. Estes actos incomodam, devem ser evitados e denunciados. No entanto, os cidadãos não sabem como o fazer.

10 **O que diz a lei**

Estes comportamentos estão contemplados em legislação variada. Infracções ambientais, desrespeito pelo Código da Estrada e desrespeito pelas normas municipais são, regra geral, considerados contra-ordenações. Por isso, quem os cometer está sujeito a coimas, cujo valor pode variar consoante o município, a gravidade da infracção e o seu autor. De facto, quando praticados por empresas ou indústrias, por exemplo, os pagamentos são, normalmente, mais pesados do que os aplicados a particulares.

15

Os casos de maior gravidade, como destruir *habitats* naturais ou poluir águas ou solos, são mesmo considerados crimes ambientais, puníveis com penas de prisão até três anos. Se viaja de carro com frequência, lembre-se de que deitar lixo pela janela é penalizado por lei. Para esta infracção, por exemplo, o novo Código da Estrada prevê multas entre os 60 e os 300 Euros.

Dinheiro e Direitos, Setembro/Outubro 2005 (adaptado)

VOCABULÁRIO:

coimas (linha 14) - multas pagas em dinheiro e aplicadas às contra-ordenações.

contra-ordenações (linha 13) - infracções de gravidade inferior a um crime, às quais corresponde, na lei portuguesa, uma coima.

inércia (linha 2) - falta de acção.

infracções (linha 3) - actos de transgressão, de desrespeito por leis, normas, regulamentos, etc.

nefastos (linha 5) - que causa ou podem causar dano.

Responde, agora, aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

9. Assinala com X, como Verdadeira (V) ou Falsa (F), cada uma das afirmações, de acordo com a informação contida no texto.

Afirmações	V	F
O Estado e os tribunais actuam sistematicamente perante as agressões à natureza.		
Só os atentados ambientais graves são legalmente puníveis.		
Devem comunicar-se às autoridades os comportamentos nefastos para o ambiente		
Perante a mesma infracção, um cidadão de Viseu pode ter de pagar mais do que um cidadão de Faro.		
Só a destruição de <i>habitats</i> naturais é considerada crime ambiental.		
Um crime ambiental pode ser punido com dois anos e três meses de prisão.		
Quem atirar lixo pela janela do carro pode ter de pagar uma multa de 120 Euros.		

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem sobre o conhecimento explícito da língua, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Imagina que um amigo teu não conhece o significado das palavras listadas abaixo e resolve ir procurá-las num dicionário. Escreve à frente de cada uma delas, de acordo com o exemplo, a forma que ele deve procurar, para ficar elucidado.

limpos	limpo
reconstruíra	
eficácia	
projecteis	
aldeães	
continham-se	
dólares	

2. Reescreve a frase seguinte, substituindo por pronomes pessoais os complementos indicados em cada caso e procedendo às alterações necessárias.

2.1. Complemento directo do verbo sublinhado:

O António pediu aos amigos que o fossem visitar.

3. Completa as frases seguintes, fazendo a concordância entre o verbo indicado e o sujeito. Usa qualquer tempo e qualquer modo adequados ao contexto.

- a) Só eu e a Maria _____ (*responder*) à questão.
- b) Tanto o Miguel como o Joaquim _____ (*assistir*) ao jogo de futebol.
- c) És tu quem _____ (*costumar*) fazer barulho nas aulas?
- d) Matemática, Ciências, Línguas, tudo _____ (*ser*) interessante.
- e) Nem o cansaço nem a dor _____ (*fazer*) a atleta desistir.

4. Lê atentamente, a seguinte frase:

O Mário e os irmãos devolveram ontem os livros requisitados à Biblioteca.

Assinala com um X o quadrado que corresponde à forma passiva da frase que leste:

Os livros requisitados à Biblioteca tinham-nos ontem devolvido o Mário e os irmãos.

Ontem, foram devolvidos pelo Mário e pelos irmãos os livros requisitados à Biblioteca.

Quem devolveu ontem os livros requisitados à Biblioteca foram o Mário e os irmãos.

A Biblioteca devolveu ao Mário e aos irmãos os livros que eles tinham requisitado ontem.

